



Convention on
Biological Diversity

www.diversitas-international.org

EMBARGO: 6:30 p.m. EDT, Terça-feira, 26 Outubro 2010

Contacto: **Mr. Terry Collins** +1-416-538-8712; +1-416-878-8712 (m), tc@tca.tc

Henrique Miguel Pereira, Paul Leadley, e outros investigadores estão disponíveis para entrevista. O artigo integral poderá ser solicitado ao AAAS Office of Public Programs (Phone:+1-202-326-6440, E-mail: scipak@aaas.org)

A perda de biodiversidade irá continuar, mas pode ser desacelerada.

É urgente um mecanismo que unifique o aconselhamento científico sobre a biodiversidade

Uma análise de vários estudos recentes sobre extinções e alterações globais à distribuição das espécies revela que, embora o declínio da biodiversidade seja uma tendência inevitável durante este século, existem políticas emergentes que podem conduzir a uma redução do ritmo de perda.

Uma equipa de 23 cientistas de nove países, liderada por Henrique Miguel Pereira e Paul Leadley, desenvolveu sob os auspícios da DIVERSITAS, UNEP-WCMC e da Convenção da Diversidade Biológica, uma análise comparativa de cinco avaliações ambientais de carácter global e de uma ampla compilação de artigos científicos sobre prováveis alterações à biodiversidade no futuro.

O artigo, publicado hoje na revista *Science*, mostra que todos os estudos indicam que são necessárias alterações urgentes na sociedade para evitar um risco elevado de extinções, o declínio de populações de muitas espécies, e grandes alterações das distribuições das espécies.

“Sem dúvida que as estratégias de desenvolvimento que têm vindo a ser seguidas irão conduzir a uma perda catastrófica da biodiversidade. Mesmo os cenários mais optimistas para este século, prevêem de um modo consistente a ocorrência de extinções e o declínio

de populações de muitas espécies” declara Paul Leadley da Universidade de Paris-Sud, França. O investigador nota ainda que a meta para parar a perda de biodiversidade em 2020 “seria excelente, mas infelizmente não é realista”.

O estudo aponta também focos de esperança: os cenários mais recentes mostram que os esforços de atenuação das alterações climáticas e da desflorestação podem ser conduzidos em paralelo com o objectivo de reduzir a perda de biodiversidade, graças a “oportunidades significativas de intervenção através de políticas mais adequadas, como as que são dirigidas à mitigação das alterações climáticas sem a conversão massiva das florestas em culturas para a produção de biocombustíveis” diz Paul Leadley. Mas a acção tem que começar agora, já que a janela de oportunidade está a fechar-se rapidamente: políticas definidas agora podem conduzir a um aumento de 15% da floresta global até 2030, no melhor caso, ou a perdas de floresta superiores a 10%, no pior caso.”

Os autores referem ainda que a criação do IPBES (Plataforma Intergovernamental para a Biodiversidade e os Serviços dos Ecossistemas), um painel intergovernamental semelhante ao Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC) mas dirigido para a biodiversidade, será de “extrema importância” para alcançar consenso nas definições e indicadores para a biodiversidade e para informar os decisores políticos.

“Estas questões são tão urgentes e o que está em causa tão importante para a humanidade, que as vozes dos cientistas terão que convergir através do IPBES para informar os decisores políticos de um modo unificado e eficaz”, declara Henrique Miguel Pereira da Universidade de Lisboa, Portugal.

O IPBES pode ainda desempenhar um papel importante na cooperação científica de modo a reduzir o grau de incerteza nos cenários para a biodiversidade. Os modelos prevêem taxas de extinção que variam entre taxas inferiores a 1% (próximo da taxa actual de extinção) até taxas superiores a 50%.

“As variações entre os diferentes cenários no grau de alterações do uso do solo e de alterações climáticas explicam uma fracção substancial da variação das taxas de extinção, mas o conhecimento incompleto da ecologia das espécies é também uma importante fonte de incerteza” diz Paul Leadley.

Entre os problemas principais salienta-se a falta de consenso na definição do intervalo de tempo que uma espécie demora a extinguir-se após as condições para a sua sobrevivência desaparecerem – que pode ir de décadas a milénios – o que leva a uma “incerteza considerável nos modelos e a grande discordância dentro da comunidade científica relativamente à probabilidade de ocorrerem extinções em massa durante o próximo século”.

Os investigadores notam ainda que as alterações à distribuição das espécies e ao tamanho das populações deveriam receber mais atenção, já que estas alterações serão provavelmente mais importantes para o bem-estar humano e podem ser bons indicadores a curto prazo dos impactos das pressões de origem humana sobre os ecossistemas. São

exemplos, o declínio geral das populações de peixes no topo da cadeia trófica, devido à sobrepesca, a migração das espécies marinhas para latitudes mais elevadas, a velocidades superiores a 40 km por década, devido às alterações climáticas, e o declínio de 10 a 20% da abundância das espécies terrestres, projectado para 2050, devido a alterações ao uso do solo.

O estudo também conclui que os conflitos entre a necessidade de assegurar as necessidades humanas e a protecção da biodiversidade tenderão a agudizar-se.

“Os riscos de extinção projectados para o futuro são elevados, mas a crise da biodiversidade é muito mais do que as extinções” diz Henrique Miguel Pereira. “Muito do que irá acontecer durante o século XXI não são extinções de carácter global, mas grandes alterações na abundância das espécies e na composição das comunidades”.

* * * * *

Co-autores:

- * **Henrique M. Pereira, Vânia Proença, and Patrícia Rodrigues**, Centro de Biologia Ambiental, Universidade de Lisboa, Portugal.
- * **Paul W. Leadley and Juan F. Fernandez-Manjarrés**, University Paris-Sud, France
- * **Rob Alkemade**, Netherlands Environmental Assessment Agency, Netherlands
- * **Jörn P. W. Scharlemann and Matt Walpole**, United Nations Environment Programme World Conservation Monitoring Centre, UK
- * **Miguel B. Araújo**, Departamento de Biodiversidad y Biología Evolutiva, Madrid, Spain, and Universidade de Évora, Portugal
- * **Patricia Balvanera**, Universidad Nacional Autónoma de México
- * **Reinette Biggs**, Stockholm University, Sweden
- * **William W. L. Cheung**, University of East Anglia, United Kingdom
- * **Louise Chini**, University of Maryland, USA
- * **H. David Cooper**, Secretariat of the Convention on Biological Diversity, Canada
- * **Eric L. Gilman**, Hawaii Pacific University, USA
- * **Sylvie Guénette and Ussif Rashid Sumaila**, University of British Columbia, Canada
- * **George C. Hurtt**, University of Maryland, and Joint Global Change Research Institute, USA
- * **Henry P. Huntington**, Pew Environment Group, USA
- * **Georgina M. Mace**, Imperial College London, UK
- * **Thierry Oberdorff**, Muséum National d’Histoire Naturelle, France
- * **Carmen Revenga**, The Nature Conservancy, USA
- * **Robert J. Scholes**, CSIR Natural Resources and Environment, South Africa